

Pasta TEXTOS 1

OK Revisada

.....DURVALINO.....

Livro “O Fato e a Coisa”

.....

A convite de George Mendes, resolvi me engajar na revisão de todo o material reunido em vida por Torquato Neto e, depois, meticulosamente organizado por Ana de Araújo, sua mulher e viúva, que enviou todo este precioso material para George curar. Sem maiores pretensões iniciais, que não sejam conhecer estes preciosos arquivos, proponho-me a organizar este material e, a partir daí, despertar idéias e projetos que podem advir.

Não por coincidência, inicio este trabalho na data de hoje, 9 de novembro de 2010, data de nascimento e morte do poeta.

Durvalino

.....

Mergulhando nos Arquivos de Torquato Neto

Pasta TEXTOS 1 – Livro “O Fato e a Coisa”

São as juvenílias, os poemas da juventude. Datados de 1962 (com exceções), onde se vê intensa produção do poeta. Percebe-se que foram poemas escritos no Rio de Janeiro. Obedeci à ordem que encontrei na pasta. Vejamos.

1 – CANTO FÚNEBRE À ETAPA PRIMEIRA

Belo poema escrito no Rio em janeiro de 1963. É preciso fazer algumas correções de erros de datilografia (letras trocadas, palavras erradas, etc.)

Torquato, em 1962, tinha 17 para 18 anos, completados só em novembro. Percebe-se neste poema uma angústia existencial no seu nascedouro, tênue, mas constante. Alguns momentos do poema evidenciam essa dor:

(...)

*"a minha vida se perde diletante e ausente
no labirinto dos dias mal vividos e agora irrecuperáveis."*

(...)

*"A rosa murcha pende deste vaso
e se derrama intacta nas mãos que a receberam
e que não sabem mais como acordá-la."*

Aqui um momento premonitório, frente à grande preocupação da humanidade de hoje quanto ao meio ambiente:

(...)

*"Junto aos meus pés restou a minha vida.
E no meu campo caíram todas as árvores
desfizeram-se todas as raízes
e poluíram-se as águas."*

2 – PANORAMA VISTO DA PONTE

Escrito em 13.12.1962. Talvez imbuído de lembranças de sua Teresina, a Ponte Metálica:

(...)

*"Não passa um rio enlameado e doce
Nem a relva fresca encobre a terra dura.
É só calor e ferro e fogo e brasa"*

3 – A CHAVE DO COFRE

Escrito em 08.08.1962. Imagens díspares (andorinha, chagal, jibóia), paisagens e fatos (alvoradas, lutos, desastres) em versos curtíssimos, quebrados.

4 – BILHETINHO SEM MAIORES CONSEQUÊNCIAS

Escrito em 07.07.1962. Poema endereçado a Vinícius de Moraes, quando este diz: "bares repletos de homens vazios". Torquato retruca: "Você se esqueceu / Vinícius, meu bom, / dos bares que estão repletos de homens cheios"; e termina dizendo: "Com uma admiração `deste tamanho'".

Num determinado momento, Torquato põe o título de uma música/letra de Vinícius no meio de seu nome citado:

(...)

*"E você
que os conhece tão de perto
Vinícius 'Felicidade' de Moraes
Não tinha o direito de esquecer
Essa parcela imensa de homens tristes"*

5 – OS MORTOS

Sem data. Bom poema. Nesse e em outro poema da série, Torquato grafa a palavra cemitário, e não cemitério, como seria correto. É preciso manter isso, não corrigir o poeta, mesmo sem saber por que ele escolheu assim:

(...)
*"Sob o pó, cemitário,
e, enterrados, os mortos reparam."*

6 – INSÔNIA

Escrito em 08.07.1962. Percebe-se: as estrofes estão sempre no mesmo pé, ritmo, separadas por um refrão – "hoje tem festa por lá". Deduzo que é uma letra de música, perfeita, pronta para ser musicada. Vejam se não tenho razão.

7 – MOMENTO

Sem data. Este sim, um excelente e grande poema.

A solidão serena de Torquato pelas ruas do Rio, um aguçado observador do cotidiano urbano:

(...)
*"Sentados esperamos que algo passe.
Talvez senhoras grávidas crianças em brinquedos
Cavalheiros circunspectos e azuis dentro de ternos e dos passos"*

O poema trata do tempo de espera, da impotência humana enquanto a vida passa:

(...)
*"Nosso cansaço?
A inconseqüência que nos move (ou nos imobiliza?) nesta espera
Ou simplesmente o sol o céu o mar o mundo?"*

8 – POSIÇÃO DE FICAR

Sem data. Poema que aborda as graves questões da existência e a certeza da morte.

(...)

*"Ambíguos em nós mesmos, amamos agora o silêncio das covas
e as esperamos: este o nosso fim."*

9 – UM CIDADÃO COMUM

09.08.1962. Como os anteriores, poema que perquire sobre a dor de existir, a vida.

10 – POEMA ESTÁTICO PARA...

Sem data. Lindo poema:

*"Trouxe nas mãos um ramo
e é teu."*

11 – POEMA

Sem data. Citações bíblicas. Poema dos mais fracos, no meu entender.

12 – O VELHO

Sem data. Muito bom poema. Experimentalismo com palavras e tempos de verbo:

(...)

*"Hemos tido por certo o errado
(já que o errado é a pausa, a metade
– sem tropeço – do que há de ser feito)
e o silêncio em tornado palavra
ordenou a parada: o que basta."*

13 – CANTO NEGRO PARA SER ESQUECIDO

Rio, março de 1963. Sobre um homem que carregava um molho de chaves para tudo. Ao ser roubado por um punquista, perde todas as suas chaves e se mata tomando uísque com mata-ratos.

14 – APRESENTAÇÃO DA COISA

Aqui começa propriamente o livro "O Fato e a Coisa". Esse poema, "Apresentação da Coisa", se desenvolve e puxa todos os outros que vêm a seguir. Trecho:

*"Ora! Isto sou eu com a soma de meus complexos e aflições;
um eu que não sei onde acaba
onde começa – mas que existe vertical pelas calçadas
e horizontal na cama. Eu, retorcido ou não,
sei lá! eu."*

O poema é numerado em algarismos romanos e se estende em perquirições sobre o existir.

15 – O FATO

Torquato aqui se refere a um Outro, um oposto, um ser masculino (ele próprio? Outro?). Neste ponto, um homossexualismo velado, sugerido:

*"não me volto e não te enxergo.
te sinto apenas a repetição de minha angústia
vezes dois
e te imagino torto
e te sei um fato ereto em minhas costas,
caminhando."*

16 – ELEGIA À COISA ALUCINANTE

O poema é dividido em dois momentos, numerados por I e II. Aqui, Torquato apresenta A Coisa:

(...)

*"Meu Deus, eu quero tanto a coisa.
Mas não, não deixarei passar em branco a noite de pedra e fogo
de azul e rosa, noite de angústia,
última fonte de que extraio a vida.""*

(...)

*"... Feridas que já foram
e agora arrasam o resto que ainda somos.
Eu e você. Nós dois na noite."*

17 – POEMA DESESPERADO

*"Esta noite abortarei as rosas mais vermelhas
que em mim geraram minha angústia."*

18 – POEMA DA QUARTA-FEIRA DE CINZAS

O poema maior da série, quatro laudas. Abre assim:

*"E em sendo rosa
é como se fosse a cicatriz do tempo
brotando trágica
nos lombos do poema"*

O cenário (pano de fundo) é o carnaval e seus personagens:

*"Se fria fosse a noite
não poderia haver o ritmo cadente
e compassado
do samba desfilando na avenida."*

A rosa e o poema são objetos de comentários do poeta:

*"E em sendo rosa
é também o fruto de um caminho repisado
a descer feito poema
e amor
pela garganta incerta da avenida."*

19 – POEMA CONFORMISTA

(...)

*"Eu em mim
incrivelmente existo e me basta.*

(...)

*"o poeta que não sou
pode nascer ainda."*

20 – A CRISE

*"Há em tudo uma extensa camada de sossego
que inquieta."*

Este, um poema-petardo. Acredito que a pura observação de uma sala vazia, os móveis, mesas, cadeiras, insetos em volta da lâmpada, tudo suscita no poeta perquirições sobre o existir. Torquato devia estar assim ao fazer o poema: uma sala, olhando os móveis, as cadeiras, mesas, insetos. Caetano, depois, fez Janelas Abertas...

(...)

*"(Ao redor de minha mesa no escuro
cadeiras imóveis que reclamam corpos
e não vêm)"*

(...)

*"Procuro aniquilar o inseto impossível
que continuo sendo
a zumbir sobre a minha própria cabeça
em mirabolantes circunvoltas."*

21 – POEMA SILENCIOSO DENTRO DA NOITE

No corpo deste poema tem uma citação com as iniciais PMC, que julgo ser, sem dúvida nenhuma, uma referência a Paulo Mendes Campos.

(...)

*"Para mim
conjugar o verbo amar
é pôr um nunca antes de cada tempo
e esquecer as desinências
que não sejam as minhas."*

22 – POEMA DO AVISO FINAL

Poema muito cantado e decantado no meio piauiense, várias vezes publicado em jornais e revistas culturais. Um poema engajado, *agit prop*.

*"É preciso que alguma coisa atraia
a vida ou a morte:
ou tudo será posto de lado"*

23 – A MÃO E A LUVA

Um dos mais belos poemas desta série. A expectativa de fazer um telefonema. O Eu. O outro, incomunicável, mas existe. O poema caminha para um desfecho de possibilidades:

(...)

*"Há necessidade enorme de uma mesa
onde a mão alcance um telefone
e veja a rosa."*

(...)

*"Já basta tudo isso,
que a pessoa existe incomunicável
e longe – mas existe
e atenderá."*

24 – EXPLICAÇÃO DO FATO

Este poema (um dos maiores, quatro laudas) estava grampeado de forma errada, páginas invertidas. Descobri-o depois de ler várias vezes e perceber que havia alguma falta de nexos. A segunda página estava trocada com a última. Mostrei para George e grampeei corretamente.

O Fato é aqui apresentado como algo inexorável, inevitável do fenômeno vida. A constatação de estar vivo, os órgãos funcionando e a angústia de sempre:

*"Impossível envergonhar-me de ser homem.
Tenho rins e eles me dizem que estou vivo."*

(...)
*"E insisto porque insistir é minha insígnia.
O meu brasão mostra dois pés escalavrados"*

No poema, Torquato grafa "brazão", quando o certo é com "s". O poema é pancada.

(...)
*"Como não morrer de medo se esta noite é fera
e dentro dela eu também sou fera
e me confundo nela
e ainda insisto?
Não é viável."*

25 - ÊXODUS

Ainda a paisagem carioca. As ruas, as pessoas, o mar. E o poeta vagando como um Nosferatu precoce. O mar é a metáfora da morte. Aqui, Torquato antecipa algo da canção Veleiro, feita anos depois com Edu Lobo.

*"Não mais que gente à-toa nessas ruas.
Por isso a fuga que eu faço"*

(...)
*"Não há barcos.
Não há velas.
Existe apenas o mar. E as ondas que me sacodem"*

*transportando o que não sou
de encontro às tuas paredes."*

(...)

*"Sou fruto de um desespero
e me recuso a ficar."*

26 – POEMA ESSENCIALMENTE NOTURNO

Último poema da série. Torquato e o Rio. E Teresina. E sua intrínseca angústia de poeta, que ele sentiu por demais, desde muito cedo, mais que nós, e sentiu a necessidade imensa de partir. Este poema é uma evidência muito forte, depois que sabemos de sua história e seu desfecho.

*"à falta da pessoa,
hoje amarei a ausência também do sentimento antigo
e lembrarei que os dias já foram azuis
e as noites somente escuras..."*

(...)

*"...os aposentos da casa enorme,
os três degraus da entrada
o sol nascendo pelos punhos da rede
e o muro do colégio das freiras, quente.
(Que estas lembranças me bastam)."*

.....

Na semana de aniversário de Torquato em 2010, George me pediu que escolhesse três dos poemas dessa pastas para publicar na imprensa. Escolhi os poemas "A mão e a luva", "Apresentação da coisa" e "Poema essencialmente noturno". Para eles, fiz o seguinte texto de abertura:

TRÊS POEMAS INÉDITOS DE TORQUATO NETO

O ano de 1962 foi muito profícuo para Torquato Neto. Percebe-se nos seus arquivos bem conservados que o economista, publicitário e primo de Torquato, George Mendes, recebeu da viúva Ana – percebe-se que Torquato produziu muito no referido ano. Das diversas pastas contendo um fabuloso e inédito material, além de fotos e recortes de jornais da época, várias trazem em seus escritos datas ocorridas no ano de 1962.

Uma dessas pastas me chamou particularmente a atenção, e debrucei-me sobre ela. Trata-se do poema longo de Torquato – O Fato e A Coisa – onde o poeta destila o profundo sofrimento que é a constatação inexorável de existir, a consciência do Ser, da existência, com todas as suas misteriosas implicações. O saber-se vivo, a presença do Outro em si, encarnado numa vida sem explicações maiores, o seguir vivendo e o que isso representa. Um poema difícil, fragmentado em temas como a memória da infância, o silêncio, a solidão, a rosa, a metáfora do mar enquanto morte, a noite, a espera, o seguir.

Em primeira mão, três poemas do poema-livro inédito de Torquato, O Fato e A Coisa. A pedido de Mendes, escolhi essas três pérolas que me deixaram paralisado. Torquato, quando as criou, tinha 17 para 18 anos. Já era um grande poeta.

Durvalino Couto Filho

.....

A MÃO E A LUVA

*Há necessidade enorme de uma mesa
onde a mão alcance um telefone
e veja a rosa.
Há necessidade de uma linha especial
que ligue a mão à mão que nunca espera
que converse com a mão que nunca espera
que diga tudo à mão que nunca espera.*

*Mais: há carência urgente de uma rosa
que consiga atravessar esta barreira
e fale e diga à rosa do outro lado
da solidão do mundo
desta tristeza imensa
e dessa angústia que já é constante
e dói.*

*Há necessidade de sorrisos: sorrisos telefônicos
mas que sejam. E mais:
há uma vontade louca de metamorfoses
de transformações de que não se duvidem
de notícias espalhadas sobre a muda.
Manifestando o nada
triste enfarto sobrevive.
Ultrapassando o amor
o que resta nunca mais que vale a pena.
Pois há que haver um telefone sobre a mesa
e uma linha especial
e uma rosa.
Pois há que haver sorrisos transmitidos
desde os lábios
(tristes lábios ressequidos
que a distância quase deixa se apagarem).*

*Um telefone sobre a mesa
e uma rosa. É só.
Já basta tudo isso,
que a pessoa existe incomunicável
e longe – mas existe
e atenderá.*

.....

APRESENTAÇÃO DA COISA

I

*Estão guardados em mim o olhar
e o falar. Mas não saem.
Trancados em sete portas
e não saem, não têm as chaves necessárias
ou a equivalente ousadia.*

*Submeto-me às restrições dessas certezas
e pronto: eu, como não o desejaria nunca a minha mãe.*

*Mas eu, como o quero e sou
por isso o eu indiferente e inaceitável
escondido nas entranhas de mim mesmo
acorrentado a este meu vazio
e sem poder sair.
Assim me entendo e aceito e quero.
Fosse dado a cavernosas reflexões
em torno de cavernosíssimos problemas insolúveis
e seria assim. Fosse o tal que nunca leu sequer gíbi
mas cita Sócrates e Dante
e seria assim, sem mais nem menos.
Ora! isto sou eu com a soma de meus complexos e aflições;
um eu que não sei onde acaba
onde começa – mas que existe vertical pelas calçadas
e horizontal na cama. Eu, retorcido ou não,
sei lá! eu.*

II

*O pensar este é o que aparece em mim
e não some. Tenho cócegas na língua
e coço o pé. (Afinal, isto sou eu,
cheio de contrastes, assim mesmo).
O pensar em mim depende do assunto
e se não há assuntos
os fabrico,
quebrando copos
ou cuspiendo na indumentária do garçon.
E aí.
O importante é o funcionamento da máquina pensante.
Essas questões de adultérios homicídios lenocínio
homossexualismo, seja o que for,
me comovem à falta de outro assunto. Tenho que pensar
tenho que continuar pensando
e ir guardando tudo,
para esconder em mim o falar e o olhar
e mais: a morte, que é o que bate.*

.....

POEMA ESSENCIALMENTE NOTURNO

*À falta da pessoa,
hoje amarei a ausência também do sentimento antigo
e lembrarei que os dias já foram azuis
e as noites somente escuras
quando desconhecíamos a palavra medo
e não sentíamos medo.*

*Amarei o antigo sentimento de ternura casta
palpável, àquele tempo, em mim,
distribuída entre os aposentos da casa enorme,
os três degraus da entrada
o sol nascendo pelos punhos da rede
e o muro do colégio das freiras, quente.
(Que estas lembranças me bastam).*

*Porque não há a pessoa
e eu caminho só e triste pelas calçadas do Rio
e não chego a nenhum destino, porque não tenho destino,
eu hoje amarei a distância que separa eu menino
de mim desesperado, aqui
e me perderei pelos caminhos enrolados uns nos outros
e rolarei de gozo sobre a minha sombra
e chorarei depois porque não sei voltar.*